

EDITORIAL

Investigação com e sobre imagens

Para muitos educadores em arte e educação, ou educação artística, investigar é mais do que um requisito acadêmico para cumprir obrigações de estatuto ou progredir numa carreira, é sobretudo uma maneira de viver e de seguir procurando através do inquérito diário. Um exercício de reflexão e avaliação sistemática onde vida quotidiana e profissional se mesclam nos territórios onde circulam os educadores. O arte/educador move-se entre fronteiras, carregando experiências pautadas pelo provisório, pela fugacidade e fragmentação. Move-se entre passado e futuro tendo como chave de resistência a memória e o relato expressivo, podendo tornar visíveis tanto a normalidade como as vozes excluídas, as situações residuais, os fenómenos de alteridade, dificilmente enquadráveis em campos estanques do conhecimento mas que as artes podem estudar devido aos métodos e instrumentos subjetivos e interdisciplinares que as caracterizam. O arte/educador, pelos meios que as artes e a pedagogia lhe proporcionam, pode experimentar ações para criar hipóteses que de outro modo seriam impossíveis de desenhar. Mas, tal como Ramon Cabrera Salort, autor convidado para este número, nos diz que para alcançar estes fins “el propio educador ha de “educarse” y ha de someter su accionar educativo a la mirada cuestionadora de la investigación”. A investigação para um professor de artes, em qualquer nível de ensino ou modalidade de educação parece ser um caminho necessário para a construção da identidade e do percurso do professor. Neste número tentamos mostrar alguns exemplos de indagações e pesquisas que os professores de artes estão a desenvolver. Foi nossa intenção organizar um número da inVISIBILIDADES que pudesse de algum modo ilustrar a relevância que as metodologias de investigação baseadas nas artes e investigação com e sobre imagens estão a ter neste momento no amplo espaço ibero-americano. A educação artística pode ser um agente de mudança, não só nas práticas pedagógicas como também nas práticas metodológicas na investigação. Neste número, tentamos que os textos revelem o potencial dos processos e meios artísticos nas metodologias de investigação e na maneira como os investigadores e arte/educadores as (d)escrevem. Muitas vezes utilizamos ferramentas desadequadas ao nosso campo de conhecimento e ação por desconhecermos essas metodologias ou, simplesmente, por medo de ficar fora do chamado campo ‘da investigação científica’. Infelizmente os mitos de um passado positivista ainda influenciam muitos setores da investigação em educação artística, onde a criatividade, a imaginação, a subjetividade, as micronarrativas, o espírito crítico e plural do processo artístico são vistos como pouco rigorosos e até inadequados à “produção” de ciência. Ainda existem muitos espaços de investigação em educação artística onde se confunde rigor com estatística e conhecimento com verdades facilmente mensuráveis. Na verdade o protagonis-



mo de suportes, processos e meios artísticos como método de investigação em educação artística é ainda pouco reconhecido, pois muitos centros de pesquisa estão imbuídos por uma cultura logocêntrica da investigação. No entanto têm surgido focos de investigação baseada nas artes onde se demonstra que é possível utilizar narrativas veiculadas por processos e produtos artísticos sem perder qualidade ou profundidade na análise dos fenômenos a investigar/investigados e, muitos dos autores deste número da nossa revista o experimentaram com rigor e a exigência. Falam-nos de narrativas visuais, trazem discursos sobre imagens; sobre leitores e produtores de imagens, investigam narrativas filmográficas, fotográficas, ou de outras imografias. Procuram compreender as experiências de visão, emoção e sentimentos que constituem a compreensão estética do mundo. Reclamam um conhecimento implícito do indivíduo que se relaciona de forma intertextual e intermodal com o que o rodeia. Alguns autores refletem sobre os seus percursos investigativos, de maneira poética e subjetiva, questionam a verdade omnipresente de um discurso metodológico que a partir do momento que se reconhece como válido tende a cristalizar-se. Outros refletem sobre histórias de vida, histórias de percepção de si e dos outros fomentando atitudes críticas.

Como é sabido este número é dedicado à investigação baseada nas artes e à investigação com e sobre imagens. O regulamento da revista prevê que a mesma tenha secções de modo a facilitar a sua consulta e leitura. No entanto, devido à natureza do tema escolhido para este número e os textos recebidos e avaliados pelos revisores, os editores deste número decidiram juntar na mesma secção os artigos originais, os ensaios visuais e os relatos de experiências, diminuindo assim a densidade de texto habitualmente associada à secção dos artigos originais e permitindo uma outra dinâmica de visualização e leitura da revista. Esperamos que goste do resultado final, ressaltando no entanto que ao leitor fica reservada a árdua tarefa de discernir e compreender as diferenças entre cada género, estilo e forma de relatar que são adotadas pelos diferentes autores ao longo da revista.

Não obstante do esforço contínuo do comité editorial para que haja uma representação alargada da investigação e

dos projetos realizados em todo o espaço ibero-americano – que se revela por exemplo no convite feito a Ramón Cabrera-Salort, de Cuba, para escrever um artigo para este número – subsiste no entanto uma clara predominância de textos vindos de Portugal, Espanha e Brasil. No sentido de colmatar este problema o comité editorial decidiu pedir ao professor Fernando Miranda, do Instituto “Escuela Nacional de Bellas Artes”, Uruguai, para coordenar o próximo número, cuja chamada de trabalhos já foi divulgada atempadamente e estará aberta até ao final do mês de Agosto, de modo a que possamos ter textos de outros territórios até agora menos representados na revista.

Neste número 3 da revista *inVISIBILIDADES* pode apreciar catorze artigos e duas resenhas de livros recém-publicados. O alinhamento dos artigos intercala as línguas portuguesa e espanhola, nas suas distintas variações, e também, como já referimos, os artigos originais, os ensaios visuais, e os relatos de experiências.

Abrimos a revista com o artigo convidado *Cómo indagar cuando el ojo se salta el muro*, de Ramón Cabrera-Salort, do Instituto Superior de Arte, de Havana, Cuba, no qual o autor nos fala sobre o estado atual do conhecimento sobre as capacidades de investigação em Educação Artística e das suas relações com a prática.

Seguimos com o texto de Alfred Porres Pla, que nos fala sobre *El papel de las imágenes en una investigación con jóvenes desde un enfoque cercano a la investigación basada en las artes*, no qual nos dá conta da investigação que levou cabo na qual as imagens, através das suas vibrações, lhe permitiram vislumbrar aquilo que de outro modo permaneceria inexplorado.

Na continuação um relato com três vozes escrito por Judit Onses, Rachel Fendler e Fernando Hernández-Hernández sobre *Una investigación a/r/tográfica sobre la experiencia del silencio en las clases de la universidad*, no qual se dá conta de um projeto de pesquisa, no qual os autores foram atores, desenvolvido no contexto da disciplina “Investigación Basada em las Artes”, da faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona.

Seguidamente, Luísa Vidal fala-nos sobre o seu processo pessoal de investigação que passa por uma desterritorialização de lugares já conhecidos e autorizados na investigação na educação das artes visuais. O seu texto O elogio do mapa: notas metodológicas de uma investigação sobre as possibilidades da educação das artes visuais na construção das subjetividades dá-nos conta desse processo.

Espaço agora para dois temas ainda não abordados neste número: a formação de professores e o vídeo-ensaio. Assim, Angel García-Roldán apresenta-nos o seu texto El vídeo-ensayo en la formación audiovisual del profesorado no qual nos dá conta de uma experiência de vídeo-ensaio no âmbito da formação inicial de professores que serve para ilustrar o seu carácter pedagógico e a amplitude das suas possibilidades no ensino. Seguimos com mais uma experiência no campo da formação inicial de professores em que Maria Amparo Alonso Sanz nos fala sobre o uso da fotografia, e partes de textos associados às imagens, na implementação de metodologias de Investigação Educativa Baseada nas Artes. Assim, a autora relata-nos como a sua ação nos permite ir Desvelando invisibilidades en el ámbito de la cognición situada. La formación inicial del profesorado en Educación Artística.

Posteriormente, Rebeca Moreno Villarín, no seu texto Estrategias documentales en la representación del hecho histórico, tenta dar visibilidade a diversas estratégias de representação que podemos observar na criação de documentários históricos e à forma como estas se articulam para gerar discursos políticos e ideológicos, ao mesmo tempo que desvela também a posição do realizador frente aos acontecimentos relatados nos documentários escolhidos para análise.

Entramos depois Em deslocamento, guiados por Aline Nunes que nos fala sobre os seus possíveis trânsitos entre a escrita de um diário de pesquisa e os diários de campo etnográficos, percorrendo sobre o seu processo pessoal de construção de um diário de pesquisa que dá conta dos seus deslocamentos territoriais.

Vamos agora escola adentro com Jaime Mena de Torres que nos fala sobre La fotografía artística como referentes en la visualización del espacio escolar. O seu texto, dividido em duas partes principais, fala-nos em primeiro lugar da influ-

ência da informação estética para lá da informação documental nas investigações educativas baseadas em imagens, para logo depois nos apresentar um ensaio visual que nos propõe uma leitura cruzada de quatro temas fundamentais para a construção do conceito de educação (o espaço escolar, os alunos, o professor e as interações entre eles).

Em seguida, Juzelia de Moraes, no seu texto Preparando vitela e produzindo mulheres – cadernos de receita como locais de escrita sobre construções do feminino, partindo de cadernos e blogs de receitas culinárias, procura analisar questões a respeito da construção discursiva sobre o género feminino ao longo da história e os seus diálogos com a contemporaneidade.

Os Territorios de las metodologías artísticas de investigación são explorados por Ricardo Marín-Viadel e Joaquín Roldán com os seus alunos em turmas de formação inicial de professores, nas quais experimentaram a realização de um foto-ensaio a partir de um filme de Buñuel.

O recurso aos processos da a/r/tografia na criação de arte digital é abordada por Adérito Fernandes Marcos no seu texto Instanciando mecanismos de a/r/tografia no processo de criação em arte digital / computacional.

Da Colômbia chega-nos um relato de Maya Corredor sobre um projeto de investigação-ação participativa com base na relação que um grupo de crianças tem com seu ambiente. Nesse projeto, que nos é apresentado no texto FOTOFILIA: Nuevas miradas sobre la topofilia a través de la fotografía, a fotografia foi usada como o principal meio de exploração e investigação.

Esta secção de artigos é encerrada como o texto Acción/ Investigación em Educação Artística: em busca de uma narrativa renovada, implicada na construção pertinaz de uma democracia agonística, de José Carlos de Paiva, no qual apresenta um discurso que nos lança um conjunto de interrogações sobre a urgência da ampliação do debate sobre outros modos de investigar através das linguagens que são próprias e naturais no terreno intersubjectivo e relacional da 'educação artística.

No final da revista apresentamos duas resenhas de livros recém-publicados em Espanha mas que se revestem de es-

pecial interesse para a temática deste número da revista, pois abordam especificamente a investigação baseada nas artes e a investigação com e sobre imagens. Referimo-nos aos livros *Mujeres Maestras: Identidades docentes en Iberoamérica*, de Ricard Huerta, cuja resenha foi escrita por Ana María Barbero Franco, artista visual e investigadora; e ao livro *Metodologías artísticas de investigación en educación*, de Joaquín Roldán e Ricardo Marín-Viadel, cuja resenha foi escrita por Sandra Rosado Fernandes, docente da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Esperamos que goste deste número da inVISIBILIDADES que preparámos especialmente para si que nos lê. Contamos com a sua colaboração na divulgação da revista através dos seus contactos e das redes sociais, ajudando a torná-la cada vez mais visível e uma referência na divulgação da investigação em educação, cultura e artes em todo o espaço ibero-americano.

Obrigado.

Ricardo Reis e Teresa Eça